

CHAMAS CLÁSSICAS, CINZAS CONTEMPORÂNEAS: SOBRE A ASCENSÃO E O DECLÍNIO DA ARTE RETÓRICA

Marcos Antônio Lopes¹

Resumo: em sua longa história, que remonta aos conflitos agrários na antiga Siracusa, a arte retórica acumulou uma série de traços distintivos, sendo estes da ordem técnica e da dimensão moral. Neste artigo, pretende-se apresentar aspectos relacionados às origens intelectuais da arte retórica, além de outros elementos que se vincularam à referida arte ao longo dos séculos. Com tal propósito, foram analisados autores antigos e modernos, em suas diferentes e contrastantes concepções.

Palavras-chave: discurso político; história da retórica; antigos e modernos.

Abstract: In its long history, dating back to ancient agrarian conflicts in Syracuse, the rhetorical art has accumulated a number of distinctive elements, which are of the technical and moral dimension. In this article, I intend to present aspects related to intellectual origins of rhetorical art, and other elements that are linked to that art throughout the centuries. With this intention, I analyzed ancient and modern authors, in their different and contrasting views.

Key words: Political discourse, history of rhetoric, ancient and modern.

“... a Gramática é uma velha senhora que viveu na Ática e traja vestes romanas. Em um pequeno escrínio de marfim, guarda uma faca e uma lima, para corrigir as faltas dos filhos. A Retórica é uma bela mulher, de vestes ornadas com todas as figuras. Empunha as armas destinadas a ferir os adversários.”

Marciano Capella (século V)

“Ora, ora! Escute; eu detesto a retórica, velha mentirosa e bazófia, coruja de óculos. Foi a retórica, sim, senhor, que formulou esta frase com peito estufado: “Tenho minha consciência e me basta”. Pois sim! Cícero, antes, dissera: “Mais vale minha consciência, para mim, do que as opiniões dos homens”. Cícero, todavia, digamos a verdade, eloquência, sim, às carradas, mas, quanto ao mais... Deus nos guarde e livre, meu caro senhor! Mais cacete que um principiante de violino!”

Luigi Pirandello

Em *O casamento de Filologia com Mercúrio*, o escritor africano Marciano Capella definiu os perfis das sete artes liberais, o que daria origem ao elenco das disciplinas reunidas no *trivium* e *quadrivium* do sistema educacional na Idade Média. Em um de seus retratos, o autor fez surgir a insinuante imagem da senhora Retórica

¹ Professor na Universidade Estadual de Londrina. Pesquisador do Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq (Bolsista Produtividade em Pesquisa).

na assembleia dos deuses, a exhibir a sua impactante presença. “E quando ela se colocou a falar”, diz Capella,

que expressão facial e que tom de voz, que excelência e modulação no discurso. Era mesmo compensador, até para os habitantes do céu, ouvir criação tão engenhosa, eloquência tão rica e abundante, o tesouro de recordações de uma memória tão vasta. Quanta organização nos elementos, quanta harmonia na pronúncia, que equilíbrio nos gestos, que agudeza nos conceitos. (CAPELLAE, 1886, p. 387s)

No século V da era cristã, o autor pagão replicava discursos laudatórios de longo curso histórico que não se cansavam de honrar a arte da boa expressão. Como fundamento dos elogios aos dotes da retórica estava o reconhecimento de que apenas ao homem fora concedido o privilégio da fala articulada, algo que nunca deixou de ser apreciado por antigos e modernos, entre os quais Montaigne, que confessou lhe ser preferível a cegueira, a ser privado da audição e da língua, veículos da conversação. (MONTAIGNE, 2004, p. 900) Distinguido na natureza pelo domínio da linguagem, ao homem coube ocupar um lugar central na criação. Em seu tratado de formação do homem, já Quintiliano ressaltara que a capacidade única de exprimir o pensamento por meio da linguagem conferiu ao gênero humano uma honrosa distinção entre os demais viventes. (QUINTILIANO, 1916, p. 449) Em outra passagem, na forma de uma exortação, o autor acresce o seu argumento: “Com todo empenho, aspiremos então à majestade da eloquência, que é a melhor dádiva que os deuses imortais concederam aos homens, sem a qual tudo estaria silenciado e sepultado em trevas hoje e na posteridade...”. (QUINTILIANO, 1916, p. 365)

E as reflexões acerca dessa faculdade incomparável remontavam a tempos anteriores. Aristóteles por exemplo, em sua *Política*, notara o fato de que possuir voz ou emitir sons não agregava valor a nenhum mortal, pois na vida em sociedade seria preciso saber falar e, de preferência, encontrar o que dizer. Notara ainda esse mesmo autor que o domínio da linguagem estabeleceu e desenvolveu os processos de comunicação ao longo da história, modelando as condições da vida social em uma ampla diversidade de formas constitucionais por ele estudadas. (ARISTÓTELES, 1999) E está fora de dúvida que as técnicas retóricas compõem um capítulo à parte de tais processos de comunicação, constituindo-se em legado cultural de alto relevo. Desse modo, e no plano do que passou às tradições

intelectuais do Ocidente como *ars rhetorica*, chama especial atenção tanto a sua energia criadora quanto a sua força destrutiva, pois a retórica pode ser tomada como artifício para produzir agradáveis sensações ilusórias, assim como pode ocasionar o envenenamento da alma, observara Platão sobre a fútil arte de meditar acerca de argúcias que em nada contribuem para promover o bem.

Como afirmou Chaïm Perelman: “A retórica clássica, a arte de bem falar, ou seja, a arte de falar (ou de escrever) de modo persuasivo se propunha estudar os meios discursivos de ação sobre um auditório, com o intuito de conquistar ou aumentar sua adesão às teses que se apresentavam ao assentimento”. (PERELMAN, 2004, p. 177) Segundo a avaliação de Henrich Lausberg: “A retórica é um sistema mais ou menos bem elaborado de formas de pensamento e de linguagem, as quais podem servir à finalidade de quem discursa para obter, em determinada situação, o efeito que pretende”. (LAUSBERG, 2004, p. 75) Nesse sentido, a palavra foi concebida como agente de mobilização e instrumento de ação, o que significa que a retórica foi empregada como um dos mais eficazes impulsos à tomada de atitude ou, pelo contrário, um atrativo convite à “inércia preguiçosa”, para recordar um termo empregado pelo Estagirita. Quando situadas no campo da expressão oral, as técnicas retóricas podem ser definidas como arte oratória, arte esta quase sempre marcada pelo dom da improvisação, ainda que existam discursos originalmente concebidos não necessariamente para serem proferidos publicamente, mas para serem lidos ou declamados de memória em ambientes de público reduzido ou especializado.

Na avaliação de Werner Jaeger, foram desse gênero os trabalhos do ateniense Isócrates, reconhecido como a figura mais emblemática da história da eloquência escrita. Mesmo valorizando seu virtuosismo na linguagem e na composição, pontua o historiador francês Henri-Irenée Marrou, é preciso lembrar que ele não havia sido aquinhado com os predicados do orador. Estava ciente de possuir frágil constituição física, além de faltar-lhe voz potente. (MARROU, 1990, p. 138) Por acréscimo de suas limitações, sofria de uma inibição insuperável. Nas ocasiões em que lhe fosse necessário expor-se publicamente, sentia-se abalado. As massas reunidas na ágora lhe assustavam. Esse especialista em logografia era acanhado e doentio, apesar de ter vivido por quase um século. Sem ser orador, seu principal ofício consistia em instruir seus alunos quanto aos modos de falar em

público. Curiosamente, Isócrates via a si mesmo como um “amolador” de línguas. Indagado sobre como seria possível ensinar eloquência sendo ele próprio inexpressivo, saiu-se com a imagem da pedra de afiar. A rigor, ela é cega; e, no entanto, produz as lâminas, teria disparado. Segundo Albin Lesky, aos pontos frágeis do Isócrates histórico contrastam os merecimentos de sua escola, um “cavalo de Troia” na expressão de Cícero, de onde saiu um exército de notáveis, entre estadistas e letrados. (LESKY, 1995, p. 618s). De fato, em casos como esse e afins, pode existir uma grande distância entre o exercício efetivo de um ofício e o ensino teórico do mesmo, sem que haja contradições insuperáveis entre o distanciamento das duas esferas. De todo modo, logografia pode significar a arte da “palavra dissimulada”, uma atividade que consistiria em compor discursos em diferentes sentidos, mas sem deixar de produzir a ilusão da verossimilhança, segundo a melhor tradição dos sofistas. No diálogo *Fedro*, Platão deu copiosas definições acerca do conceito, e o personagem Sócrates faz amplas reverências ao ainda jovem e já altamente promissor Isócrates nessas lides. (PLATÃO, 1994)²

Decerto que a história literária é pródiga em demonstrar as inúmeras possibilidades abertas pelo domínio da *ars rhetorica*. Aliás, a história literária está cheia de exemplos de discursos memoráveis, alguns deles até definidores dos destinos de povos. E não é menos certo que muitos varões insignes foram eloquentes tanto no discurso escrito quanto no pronunciado, sendo que há casos de êxito em ambas as frentes, como exemplificam Demóstenes e Cícero.³ Aliás, no mundo antigo, a palavra pronunciada tendeu sempre a sobrepor-se à palavra escrita, e mesmo os textos literários, por vezes destinavam-se a leituras públicas. “A oratória era uma peça essencial no funcionamento da sociedade antiga. Era o grande meio de comunicação social [...]”, reflete Maria Helena da Rocha Pereira. (PEREIRA, 2004, p. 205) “O cidadão é atraído à vida pública. A oratória tornou-se condição prévia de uma carreira vitoriosa”. (CURTIUS, 1979, p. 66) Talvez por isso se afirme que “[...] todo prosador deve, mais dia menos dia, fazer-se um pouco orador [...]”. (LORAU, 1994, p. 300). Dizem que na composição do célebre “Oração à coroa”, Demóstenes dispendera dez anos, prática que levou os adversários a caracterizá-los como peças “cheirando a lamparina”. (SODRÉ, 1967, v. I; ZAMA,

² Acerca da logografia como profissão em Atenas, ver as reflexões de LÉVÊQUE (1967, p. 363).

³ Bastante aguda a comparação de ambos tecida por QUINTILIANO (1916).

1951) Mas as técnicas que levavam ao êxito de um discurso em praça pública podiam variar em muitos graus, e exigir uma grade complexa de recursos para muito além da palavra pronunciada. Na antiga Atenas o desempenho público de uma “oração” (termo equivalente a discurso),⁴ requeria atributos naturais como voz potente e sonoridade agradável, além de boa dicção e um domínio gestual compatível com a cadência da fala. Esses requisitos compunham o instrumental básico dos oradores, sem os quais tinham suas pretensões inviabilizadas como porta-vozes da sociedade.

Tais exigências fomentaram os esforços de um aprendiz decidido a alcançar e consolidar os referidos dotes naturais. Com efeito, conta-se que tendo ainda fôlego curto, o ateniense Demóstenes declamava subindo as ladeiras mais íngremes da cidade. As suas falhas de dicção eram corrigidas pelo expediente de pôr pequenas pedras na boca. E para superar a voz fraca, exercitava-a em praias desertas e de mar agitado, treino para superar o alarido das multidões excitadas na praça do mercado. (TRINGALI, 1988, p. 34) Por meio desses esforços emergiu um virtuosismo que levou um póster a classificá-lo como a própria materialização das leis da eloquência. (QUINTILIANO, 1916) Resumindo, em situações como a praça pública, não bastava a loquacidade pura e simples de uma composição bem ornamentada por figuras adequadas, cabendo ao orador equilibrar sua oração com outros ingredientes.⁵ Assim sendo, à composição acompanhava, justaposta, a declamação; e a gesticulação também compunha as artimanhas da peça oratória, amaciando-a para o público e assim proporcionando, segundo Tucídides, “o prazer da orelha”. (HARTOG, 2002, p. 758)⁶ O próprio Demóstenes demorou um pouco em cumprir tais preceitos, depois de ser “expelido” repetidas vezes pelas vaias de uma assistência numerosa e pouco tolerante com as suas limitações de neófito. Ao tempo do referido orador, as assembleias na ágora reuniam alguns milhares de pessoas guiadas por múltiplos interesses, cujas confusões e perturbadores murmúrios requeriam contenção por força especial. Segundo Voilquin e Capelle, se na antiga Atenas o número de cidadãos oscilou entre vinte e trinta mil, o quórum

⁴ “Retórica quer dizer ‘arte da oração’; designa, pois, segundo a sua significação fundamental, o método de construir a oração artisticamente”. (CURTIUS, 1979, p. 65)

⁵ Sobre a importância de encontrar as formas adequadas dos movimentos de cabeça e das mãos, de exibir expressões faciais convincentes e demais complementos do desempenho oratório, ver MARROU (1998, p. 224)

⁶ A expressão será recorrentemente utilizada por Cícero (2010).

sempre foi bem inferior a estes numerais; ainda assim, a enorme massa humana precisava ter seus ímpetos freados por uma polícia designada estritamente para este fim. (VOILQUIN; CAPELLE, 1964, p. 216, nota 20)

Nos dias que correm, a eloquência do orador ainda é dirigida à imaginação dos auditores, no intuito de alcançar resultados adremente definidos, como a aprovação de argumentos em prol de uma determinada causa na qual se identificam interesses coletivos. Para convencer e arrastar consciências aos fins almejados, o orador necessita reunir um conjunto favorável de atributos, pois precisa cativar espíritos por vezes muito exigentes e, inclusive, dispostos e capazes de contrastá-lo em pleno calor da exposição. Em vista da ocorrência provável de uma interpelação, além de muita energia e inspiração, é tarefa do orador munir-se de uma série de informações, incluindo dados sobre a disposição momentânea de ânimo de sua plateia. Os tratados de *ars oratoria* são especialmente pródigos em detalhar a grade de conhecimentos específicos do predicador, além de suas habilidades em meio ao processo de comunicação. Aos gregos nos tempos de Péricles e, depois, na época de Demóstenes, agradava mais a agudeza de um corpo de ideias contido nos discursos, pois a *ars rhetorica* prestar-se-ia, antes de tudo, a revelar os aspectos da realidade que, por vezes, exigia uma urgente correção de curso no enfrentamento de exércitos invasores.

Assim é que bons argumentos deveriam ser lavrados em períodos de curta extensão, para que se pudesse produzir uma concentração do significado daquilo que estava sendo proposto à consideração dos interlocutores. A lógica predominante no estilo de prosa denominada “ática”, e que, *mutatis mutandis*, aos tempos da cultura barroca ficaria conhecido como “conceptismo”, é a de realizar mais com menos. Seguindo essa toada, metáforizações e demais recursos retóricos poderiam ser empregados no discurso, mas um conceito ou ideia central os presidiriam. Em suma, conceder-se-ia todo o espaço ao necessário, estreitando-o ao complementar. Aos romanos dos tempos de Cícero foi posto alto valor na engenharia da palavra já que, sem certos estrépitos de verbosidade, não se produziria a requerida sonoridade de uma oração pública. Daí a necessidade de encontrar os acessórios decorativos da eloquência (figuras de palavras e de pensamento), para adequá-los às medidas requeridas pela prosa rítmica, conforme o padrão cauteloso e exigente de Cícero. (CÍCERO, 2010. p. 62s). Já o moralista

platônico Plutarco, que desconfiava muito das artimanhas do verbo, serviu-se da teoria musical para explicar as funções da chamada “última demão” nas camadas discursivas.

Assim como nos que cantam ao som da flauta a maior parte das falhas escapam aos ouvintes, igualmente uma locução prolixa e grave cega o ouvinte em relação ao que se declara. [...] Desse modo, nos discursos e exercícios da maioria dos sofistas, eles não só usam das palavras vãs para encobrir os pensamentos, mas, tornando a voz suave com certo tipo de harmonia, brandura e modulação, agitam e arrastam quem ouve num furor báquico: proporcionam um vão prazer e recebem em troca uma glória mais vã ainda. (PLUTARCO, 2003, p. 24s)

Contudo, e para além das implicações morais agarradas ao discurso no mundo antigo, sempre se perseguiu os primores formais. Em *Noites áticas*, Aulo Gélío reconheceu o valor da ornamentação discursiva, mas numa medida que proporcione “casta e pudicamente” o brilho de uma argumentação. (GÉLIO, 2010, p. 258) Às expressões discursivas sobre temas reais e ficcionais exige-se apurados de elegância ao transpor realidades em palavras. Dito em outros termos, “A expressão bem cuidada é condição da eficácia de ideias engenhosas”. (CURTIUS, 1979, p. 305) Segundo explica Henrich Lausberg, *ornatus* designa as preparações de um banquete, onde um discurso foi preparado para ser consumido como iguaria. Como disse o escritor seiscentista Baltasar Gracián em seu ensaio *Oráculo manual y arte de prudencia*, é preciso carregar açúcar na boca, para confeitar as palavras e assim contentar até os inimigos. (GRACIÁN, 2011a) A retórica seria, em uma avaliação moderna, a arte de utilizar-se de “palavras de seda”. Então, a noção de *ornatus* pode muito bem remeter a sentidos culinários como, por exemplo, um tempero que se utiliza para realçar sabores. E ao *ornatus* colaram-se também acepções olfativas, como a de “flores do discurso”. (LAUSBERG, 2004, p. 140s) Contudo, lembra Quentin Skinner, na língua latina clássica o vocábulo *ornatus* vinculava-se estreitamente a instrumentos marciais. Assim, servir-se dos *ornamenta* em um discurso implicava em prover-se das armas adequadas para encarar uma guerra de palavras, noção que afasta a ideia da prosa artística como mera aplicação de adornos estilísticos. (SKINNER, 1997, p. 70)

Mas algo que parece estar fora de dúvida é que o fim último da arte retórica é o de imprimir certo gênero de reações sobre os espíritos, sendo o domínio pleno da

palavra o aspecto mais decisivo para lograr o êxito. Para tanto, há de se manter controle estrito do que se fala para quem se fala, isto é, há de se respeitar as exigências dos três gêneros discursivos como, por exemplo, insuflá-los de medida, de ação e de dramaticidade, conforme o requerido para cada caso. Como afirmou Platão no diálogo Sofista, “[...] as razões jurídicas, a oratória pública e as conversas privadas constituem um todo novo ao qual daremos o nome de arte da persuasão”. (PLATÃO, 1979, p. 137) Mas, como se reconhece amplamente, o andar mais elevado das teorias retóricas clássicas foi alcançado por Aristóteles, que acerca de tal matéria pronunciou-se nos seguintes termos:

O estilo que convém nas assembleias do povo assemelha-se, e em muitos pontos, ao desenho em perspectiva; quanto mais numerosa é a multidão dos espectadores, mais afastado deve ser o ponto donde se olha. Pelo que, a exatidão dos pormenores é supérflua e causa mau efeito tanto no desenho como no discurso. No entanto, a eloquência judiciária requer maior exatidão, sobretudo quando nos encontramos diante de um só juiz, pois em tal caso não podemos usar senão em pequena escala dos meios da Retórica. O juiz vê mais facilmente o que pertence à causa e o que lhe é estranho; além disso, não há debate e nenhum elemento altera o juízo. Daí resulta que os mesmos oradores não agradam indistintamente em todos os gêneros; onde se recorre mais à ação, a exatidão é menos necessária. Ora, a ação é necessária quando é preciso falar, e, sobretudo, quando é preciso falar alto. O estilo do gênero epidíctico é o que melhor se presta para ser escrito, pois seu objetivo próprio é a leitura. (ARISTÓTELES, 1964, p. 225s)⁷

Como se percebe na extensa mas esclarecedora passagem, ao discurso escrito requerer-se-ia outras habilidades, como a faculdade de demonstrar riqueza verbal sem, no entanto, ostentá-la. Seria necessário dissimular a arte, para não correr o risco de exhibir quaisquer traços indesejáveis de afetação. A eloquência escrita competente será, de preferência, a que conseguir amplificar o tom de naturalidade. (ARISTÓTELES, 1964, p. 189) O argumento de Baltasar Gracián segue tais preceitos. Por vezes a ostentação consiste numa eloquência muda, numa exibição descuidada de eminências, como se elas ocorressem sem o expreso desejo do locutor. E quem sabe até uma dissimulação estudada seja louvável alarde do valor uma vez que quem logra esconder os méritos alcança, em verdade, a sua

⁷ Os dois primeiros gêneros discursivos compõem a eloquência prática; já o terceiro, a eloquência escrita ou eloquência gráfica. A explicação é de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca. Acerca

exibição. E o jesuíta emenda o seu raciocínio: é a própria privação da própria eminência o traço que aguça com maior vigor a curiosidade. (GRACIÁN, 2011b)

Costuma-se dizer que a simplicidade do estilo, aliada à riqueza de argumentos, são os fatores primordiais da eloquência escrita, fatores capazes de selar a longevidade de um discurso. Contudo, desde a Antiguidade se salienta ter sido a invenção da escrita um instrumento útil para o “desleixo da memória”, como afirmou Platão no *Fedro*. Para ele, a maior serventia do discurso feito com tinta é fazer lembrar o que já se sabe. Assim sendo, a escrita “[...] tornará os homens mais esquecidos pois que, sabendo escrever, deixarão de exercitar a memória, confiando apenas nas escrituras [...]”. (PLATÃO, 1994, p. 121) Para Platão, o discurso prático era de natureza superior ao discurso gráfico. Assim, diferentemente da eloquência oratória, composta pelas cinco operações tradicionais como a *inventio*, a *dispositio*, a *elocutio*, a *actio* e a *memoria*, a eloquência escrita não procuraria sustentação na *memoria*, e menos ainda na *actio*. Já a *inventio* consistiria no esforço de encontrar um assunto suscetível de interesse; a *dispositio* ocupar-se-ia em ordená-lo, de forma que se afastassem os riscos inerentes ao improvisado; e caberia à *elocutio* proporcionar a provisão dos artefatos estéticos compondo, inclusive, os ornamentos discursivos. Mas e quanto à *actio* e à *memoria* no plano do discurso oral? Ambas as operações encarregar-se-iam da teatralização e do entrelaçamento de episódios do passado, respectivamente, elementos que, como já lembrado, não estariam presentes na eloquência escrita, ao menos em um grau que se possa considerar como decisivo. (SKINNER, 1997) Em a *Arte retórica* seu autor afirmou que os discursos escritos são mais valiosos pelos méritos de expressão do que pelas ideias que contêm. (ARISTÓTELES, 1964, p. 188) É provável que Aristóteles tenha afirmado a intenção de dizer que as referidas ideias já haviam sido “consumidas” no próprio âmbito em que foram enunciadas, e que posteriormente expressas em um texto já não seriam capazes de provocar quaisquer dons de persuasão.

Chaïm Perelman observou que a história da retórica é um universo intelectual apaixonante e, em suas expectativas, seria de muito relevo traçar um quadro geral de suas contínuas metamorfoses. Segundo a análise do autor belga, excluindo-se um reflorescimento da retórica nos séculos do Renascimento, assistiu-se a uma

da estrutura do gênero epidíctico, ver ainda a análise de PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA (2006, p. 53ss).

progressiva diminuição de seu campo de ação e influência. (PERELMAN, 2004, p. 179) Em verdade, a arte retórica encontrou ao longo dos primórdios da Renascença um notável dinamismo, sobretudo quando a epistolografia passou a incorporar o estudo dos clássicos. As análises de Quentin Skinner pontuam a sua revivescência em algumas comunas italianas às voltas contra a tirania e em defesa da liberdade, Bolonha à frente como o centro de maior dinamismo intelectual. (SKINNER, 1996, p. 45ss)⁸ Ao longo da Renascença, a retórica compartilhou com a filosofia uma dignidade superior no campo da reflexão intelectual. Na verdade, ambas tornaram-se campos contrastantes, segundo as explicações de Paul Kristeller e John Pocock, posto que à filosofia caberia contemplar as universalidades, restando à retórica o haver-se com as particularidades momentosas a exigir soluções urgentes. (KRISTELLER, 1993; POCOCK, 2008) Em síntese, contemplação e ação podem ser compreendidas como os respectivos traços distintivos de ambos os campos. Segundo Pocock, a arte retórica era um convite à atuação, e sua índole era naturalmente política; daí a sua imersão nas questões da vida civil, a enfrentar problemas concretos, que não cessavam de cobrar atitudes. (POCOCK, 2008, p. 146s)

De todo modo, entre os especialistas do assunto há bastante consenso de que a figura autocrática dos imperadores e a ascensão do cristianismo desacreditaram a *ars rhetorica*, esvaziando os poderes das antigas assembleias. Os debates travados em praça pública formaram o ambiente natural da eloquência política. Precisamente por isso o seu berço tenha se situado nas pequenas cidades-Estado antigas da Hélade, sendo Atenas o meio que lhe garantiu as condições mais favoráveis de acomodação e de aperfeiçoamento, dadas as circunstâncias da experiência democrática e a conseqüente liberdade de expressão. E nesse plano Aristóteles vem suficientemente a propósito por ter conceituado a retórica como filha da política, para ele a ciência dos costumes. (ARISTÓTELES, 1964, p. 23) Na Roma republicana seu *habitat* por excelência foi o Senado, instituição que transformou a palavra em um instrumento eficaz para grandes ações. Há quem afirme que, depois de Aristóteles, de Cícero e de Quintiliano, a retórica sempre patinou como campo de reflexão. (VOILQUIN; CAPELLE, 1964, p. 16) Segundo o professor português

⁸ No plano educacional o mesmo autor analisou a revivescência da retórica na Inglaterra elisabetana, a partir do estudo de uma série de manuais escolares (SKINNER, 1997). Sobre o florescimento da

Fernandes Rosado, o século XX praticamente desconheceu o ensino da retórica e, como uma área de estudos, a retórica tornou-se praticamente impensável. Para piorar o quadro atual, há os que a olham com certo senso de perplexidade. Esquecem-se de que o descrédito da retórica no mundo contemporâneo não se deve à disciplina em si, haja vista ainda ser ela de extrema utilidade, mormente por fundamentar as técnicas da linguagem de hoje em dia. O infortúnio da retórica associar-se-ia bem mais “[...] à incompreensão dos que a ensinavam e a praticavam”. (ROSADO FERNANDES, 2004, p. 31)⁹

Mas permanecem inegáveis as evidências de que, desde os tempos de Galileu, de Bacon e de Descartes, e com ainda maior energia a partir do século XVIII, o convencimento obtido pela eloquência ornamental perdeu espaço para a exposição lógica e refletida, agora amparada no exame das fontes históricas. O declínio da eloquência escrita no discurso histórico passou a ser inversamente proporcional ao desenvolvimento da empiria e da crítica. Sendo assim, poder-se-ia falar da própria transformação da natureza retórica nos textos. Efetivamente, o nascimento de um novo regime de escrita da história já pode ser detectado na recusa de Voltaire aos modelos vigentes de se compor o texto histórico, recusa pela qual o filósofo expressou a reivindicação de uma crítica sobre os testemunhos e a busca por evidências empíricas. Basta ver as recomendações de Voltaire, tanto no verbete “História” do *Dicionário filosófico*, quanto no *Ensaio sobre os costumes* (1756).¹⁰ O cuidado maior nesse trabalho de crítica e interpretação residiria, ao menos em tese, no combate aos anacronismos e na ênfase sobre a compreensão do passado, que não mais serviria para entender o presente, ou mesmo para oferecer modelos à atualidade. Em suas perspectivas historicistas, a partir do século XVIII os historiadores passaram a insistir cada vez mais em acentuar as diferenças havidas entre os homens do passado e do presente. Seguindo essa nova trilha então aberta nos campos da história é que se verificou o desenvolvimento de uma história pretendidamente científica, campo autônomo do saber, apartado dos estudos filosóficos ou literários, pretensão esta triunfante ao longo do século XIX.

retórica na Renascença inglesa ver também ROSSI (2006).

⁹ Acerca do retorno da retórica no século XX, ou de sua “ressurreição”, ver as considerações de KUENTZ (1975, p. 109).

¹⁰ VOLTAIRE (1979).

Como afirmou Chaïm Perelman: “Finalmente o romantismo, em nome da sinceridade e da espontaneidade, exigiu de todo artista digno desse nome, que deve compor com a mesma naturalidade com que os pássaros cantam, rejeitou a retórica como técnica de composição e de ornamentação estilística, papel ao qual fora progressivamente reduzida já no século XVII”. (PERELMAN, 2004, p. 179) De todo modo, a retórica nunca morreu, apesar de ter conhecido inegáveis períodos de declínio. Como disse o professor Dante Tringali: “De vez em quando alguém anuncia a morte da retórica, mas quando se presta atenção se verifica que não se trata da morte, mas da tentativa de matá-la! Verlaine manda torcer-lhe o pescoço. E os que tentam matá-la o fazem retoricamente. Nem Platão escapou à sedução do discurso”. (TRINGALI, 1988, p. 197) Na avaliação de Roland Barthes: “[...] o mundo está incrivelmente cheio de retórica antiga”. Ainda que se considerem as variações internas do sistema, o longo reinado da retórica chega à casa de 2500 anos. De Górgias a Napoleão III, a quase imortal retórica assistiu impassivelmente uma sucessão de eventos, entre os quais o advento de declínio da democracia ateniense, a República Romana e o Império dos césares, as invasões bárbaras e a sociedade feudal, o Renascimento e o absolutismo, a Revolução Francesa. A retórica “[...] assimilou regimes, religiões, civilizações; agonizante desde o Renascimento, levou três séculos para morrer; e ainda não havia certeza de sua morte”. (BARTHES, 1975, p. 147ss)¹¹ Para Paul Oscar Kristeller, a retórica não foi assassinada por Descartes e pela nova linguagem da ciência a partir do século XVII, e nem mesmo o Romantismo e sua busca pela espontaneidade a matou; ela parece apenas ter mudado de nome, refundindo-se numa série de formas no mundo contemporâneo, como os novos campos disciplinares da estética e da teoria literária. (KRISTELLER, 1993, p. 341)

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. *Arte retórica*. São Paulo: Difel, 1964.

_____. *Política*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

BARTHES, R. A retórica antiga. In: COEHEN, J. et al. *Pesquisas de retórica*. Petrópolis: Vozes, 1975.

¹¹ Sobre o tema, ver considerações análogas às de Barthes nos ensaios de CLARKE (1968, p. 210); MARROU (1998, p. 22s).

CAPELLAE, M. Rhetorica, Liber V. In: _____. *De Nuptiis Philologiae et Mercurii et de Septem Artibus Liberalibus*. Frankfurt, 1886. [obra digitalizada pela Universidade de Toronto e disponível em archives.org]

CÍCERO, M. T. *El orador*. Madrid: Alianza Editorial, 2010.

CLARKE, M. L. Educação e oratória. In: BALSDON, J.P. (org.). *O mundo romano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

CURTIUS, E. R. Maneirismo. In: _____. *Literatura europeia e Idade Média latina*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

_____. Retórica. In: _____. *Literatura europeia e Idade Média latina*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

GÉLIO, A. *Noites áticas*. Londrina: Eduel, 2010.

GENETTE, G. A retórica restrita. In: COEHEN, J. et al. *Pesquisas de retórica*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GRACIÁN, B. El Discreto. In: _____. *Obras completas*. Madrid: Cátedra: 2011b.

_____. Oráculo manual y arte de prudencia. In: _____. *Obras completas*. Madrid: Cátedra: 2011a.

HARTOG, F. Tucídides. In: BURGUIÈRE, A. *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

KRISTELLER, P. O. La filosofía y la retórica de la Antigüedad al Renacimiento. In: _____. *El pensamiento renacentista y sus fuentes*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

KUENTZ, P. O 'retórico' ou o distanciamento. In: COEHEN, J. et al. *Pesquisas de retórica*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 109.

LAUSBERG, H. *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LESKY, A. Arte do discurso. In: _____. *História da literatura grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

LÉVÊQUE, P. A literatura e a ação. In: _____. *A Aventura grega*. Lisboa: Cosmos, 1967.

LORAUX, N. *Invenção de Atenas*. São Paulo: Editora 34, 1994.

MARROU, H.-I. Educação e retórica. In: FINLEY, M. (org.). *O legado da Grécia*. Brasília: Editora UnB, 1998.

_____. *História da educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1990.

MONTAIGNE, M. De l'art de conferer. In: _____. *Essais*. Paris: Gallimard, 2004. [Bibliothèque de la Pléiade, Oeuvres complètes]

PEREIRA, M. H. da R. *Estudos de história da cultura clássica*. v. II: cultura romana. Lisboa: Gulbenkian, 2004.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. O. *Tratado da Argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PERELMAN, C. *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

- PIRANDELLO, L. *O falecido Mattia Pascal*. Abril Cultural: São Paulo, 1972.
- PLATÃO. Sofista. In: _____. *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1979.
- _____. *Fedro ou da beleza*. Lisboa: Guimarães Editores, 1994.
- PLUTARCO. *Como ouvir*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- POCOCK, J. *El momento maquiavélico: el pensamiento político florentino y la tradición republicana atlántica*. Madrid: Tecnos, 2008.
- QUINTILIANO, M. F. *Instituciones oratorias*. Volume I. Madrid: Imprenta del Perlado, 1916.
- ROSADO FERNANDES, R. M. Breve introdução aos estudos retóricos em Portugal. In: LAUSBERG, H. *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- ROSSI, P. Função da retórica. In: _____. *Francis Bacon. Da magia à ciência*. Curitiba/Londrina: Editora UFPR/Eduel, 2006.
- SKINNER, Q. O estudo da retórica. In: _____. *Razão e retórica na filosofia de Hobbes*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- _____. Retórica e liberdade. In: _____. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SODRÉ, H. *História universal da eloquência*. A ação dos grandes oradores através de todos os tempos. Rio de Janeiro: Forense, 1967. v. I. (Antiguidade clássica e Renascimento)
- TRINGALI, D. *Introdução à retórica*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1988.
- VOILQUIN, J.; CAPELLE, J. Introdução. In: ARISTÓTELES. *Arte retórica*. São Paulo: Difel, 1964.
- VOLTAIRE. História. In: _____. *Dicionário filosófico*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- ZAMA, C. *Os 3 grandes oradores da Antiguidade*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1951.

Artigo recebido em 10 de novembro de 2013. Aprovado em 30 de novembro de 2013.